

MARGEM OUTRA MARGEM

João Henrique Belo

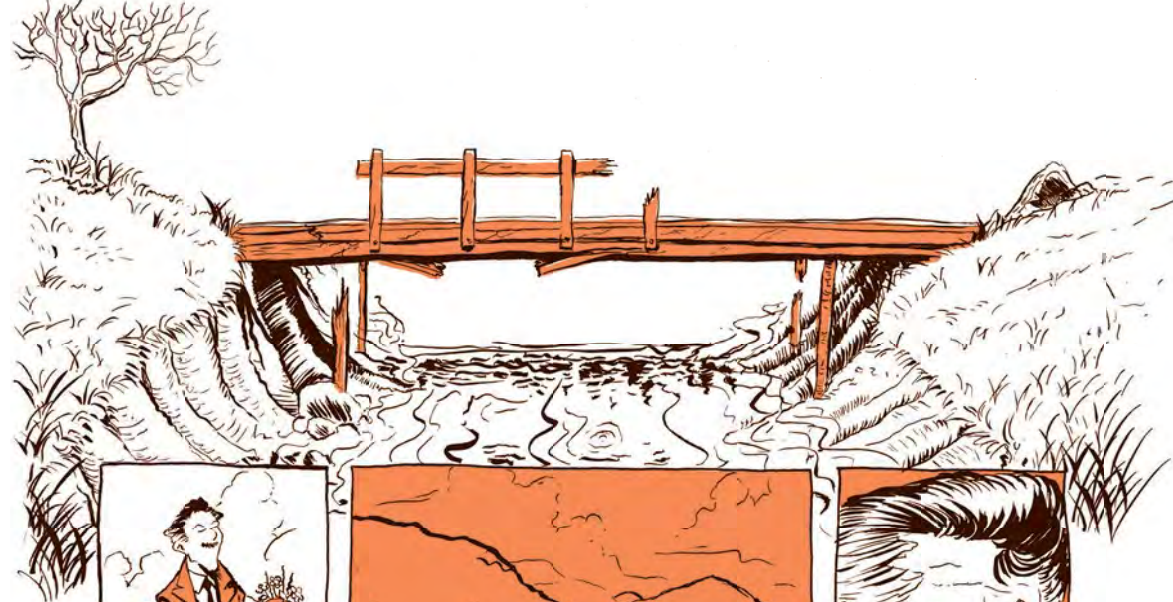




MARGEM OUTRA TUO MARGEM

João Henrique Belo

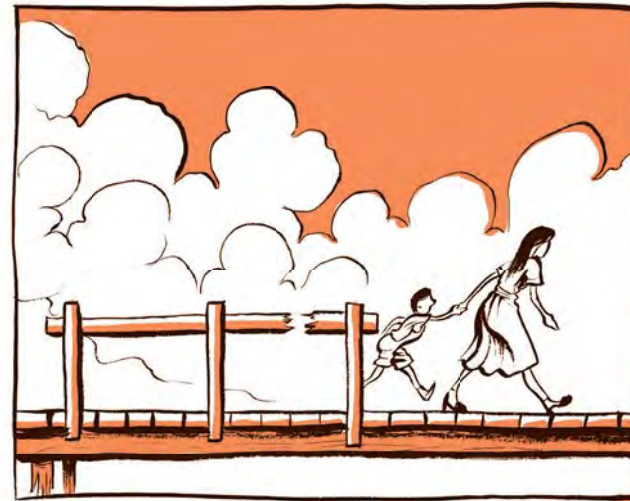






FOME





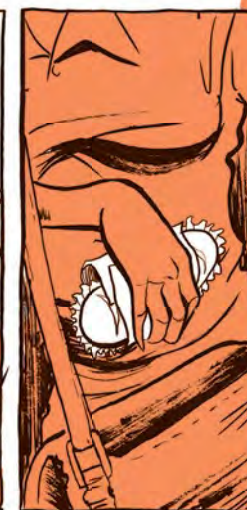
OI SEU ZÉ!



TROUXE UM SANDUÍCHE BEM GOSTOSO HOJE



OI SEU ZÉ!



HOJE FIZ UM CAPRICHADO PRO SENHOR



BEM, É O MESMO DE ONTEM, MAS TÁ MUITO BOM!



NÃO COME COM MUITA PRESSA, VAI TE FAZER MAL!

TÉ AMANHÃ!



ESSE É ESPECIAL PORQUE...

...VOU FICAR UNS DIAS...



...SEM PASSAR POR AQUI.

É ESSA PONTE SABE...

ELA TÁ
CAÍDO AOS
PEDAÇOS...

MEU PAI ACHA
QUE NÃO DEVO MAIS
TRAZER O VALTINHO
PRA ESCOLA...

ELE VAI
DAR A VOLTA
NO CAPÃO.



MAS
PREOCUPA NÃO
SEU ZÉ...

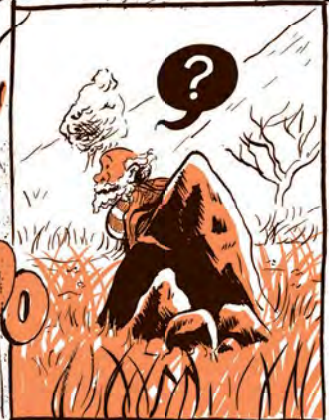
DEPOIS
PASSO POR AQUI
PRA TE VER!



ENCONTRO



SOCORRO





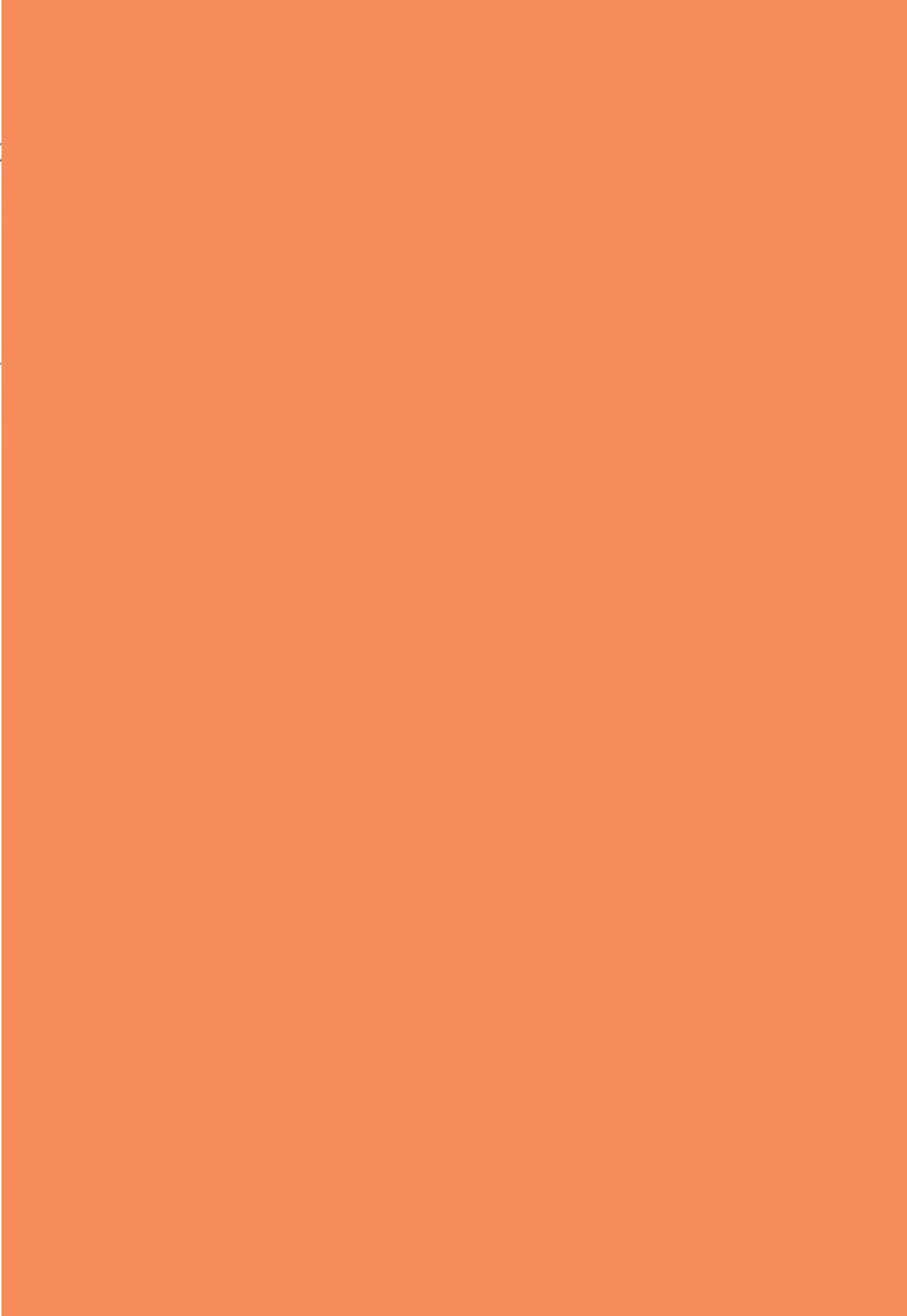
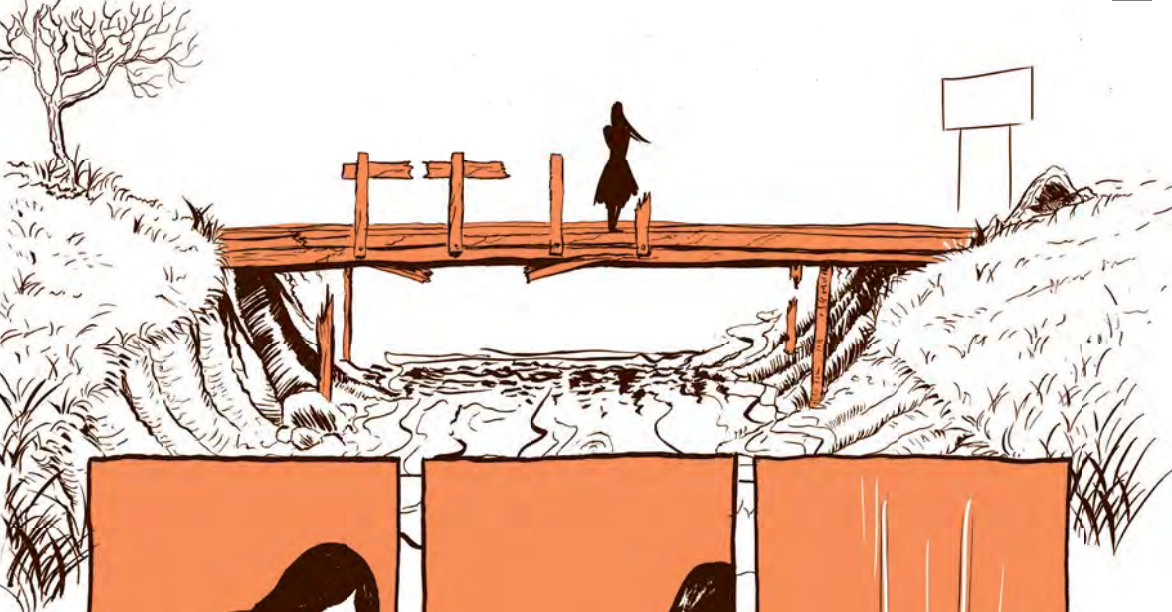


HORA DO CHÁ









Posfácio

Quando eu descia o morro do asilo ao sair da escola, era quase certo encontrar a Natalina com suas sacolas e seus cobertores. Depois de atravessar a cidade, já quase em casa, o medo era topar com o Pé-de-Chinelo. Ele era bravo que só. Investia atrás das crianças com suas havainas em mãos e gritava coisas sem sentido algum. Por sorte, isso nunca aconteceu comigo, o que me faz acreditar que devia ser apenas invenção de outras crianças.

Personagens assim eram constantes na cidade onde cresci e sempre me fascinaram muito com suas histórias e seus passados, os quais dançavam de boca em boca, quase como lendas. Foi a partir dessas lembranças que surgiu Zé Mendigo. Um morador de rua iluminado por um toque de loucura, ou quem sabe, apenas embalado por sua embriaguez permanente. Zé é aquele vulto constante com o qual cruzamos esquina sim e outra também, sempre camuflado pela correria do dia-a-dia.

Além da figura alegórica do Zé, crescia também uma necessidade de fazer quadrinhos, brincar com suas possibilidades, colocar o lápis no papel e aprender na prática como contar histórias através de texto e imagem. Esta necessidade se transformou no 1204, um coletivo formado por quatro amigos dedicados à enfrentar o branco do papel. Deste encontro, nasceu a ideia da ponte como cenário, um local onde pessoas poderiam se encontrar e interagir, surgindo possibilidades e histórias a serem contadas. Aos poucos a ponte deixou de ser um simples cenário, para se tornar personagem, um ponto geográfico dentro de uma comunidade em um certo tempo e espaço. Zé se tornou de vez 'Zé da Ponte' e as relações entre as personagens foram desencadeadas pela situação precária que se encontrava a estrutura que ligava dois pontos de uma pequena cidade. O desenrolar da trama aborda, de forma um tanto fantasiosa, alguns pontos interessantes como a necessidade de poder e a vaidade em contraponto com a invisibilidade de pessoas como o Zé da Ponte.

A figura do Zé da Ponte seria mesmo provável, crível? Talvez, quem sabe. Eu acredito que podemos encontrá-lo por aí, num dia desses qualquer, numa outra margem.

João Henrique Belo

Novembro 2015

Sobre o Autor



João é designer gráfico e ilustrador mineiro. Lançou de forma independente o quadrinho 'Vendedor de Esqueletos' e participou de uma antologia gráfica, 'Analecto'. Coleciona quadrinhos, bagunça e tampinhas de garrafa em cima da geladeira, gosta de feijão e se sente o Gambit falando sobre si na terceira pessoa.

Um salve e muito obrigado à todos os envolvidos nessa história toda. Obrigado ao Lucas, pelas palavras incríveis na capa. Obrigado à Tati, sem o seu apoio contínuo seria impossível fazer qualquer coisa.

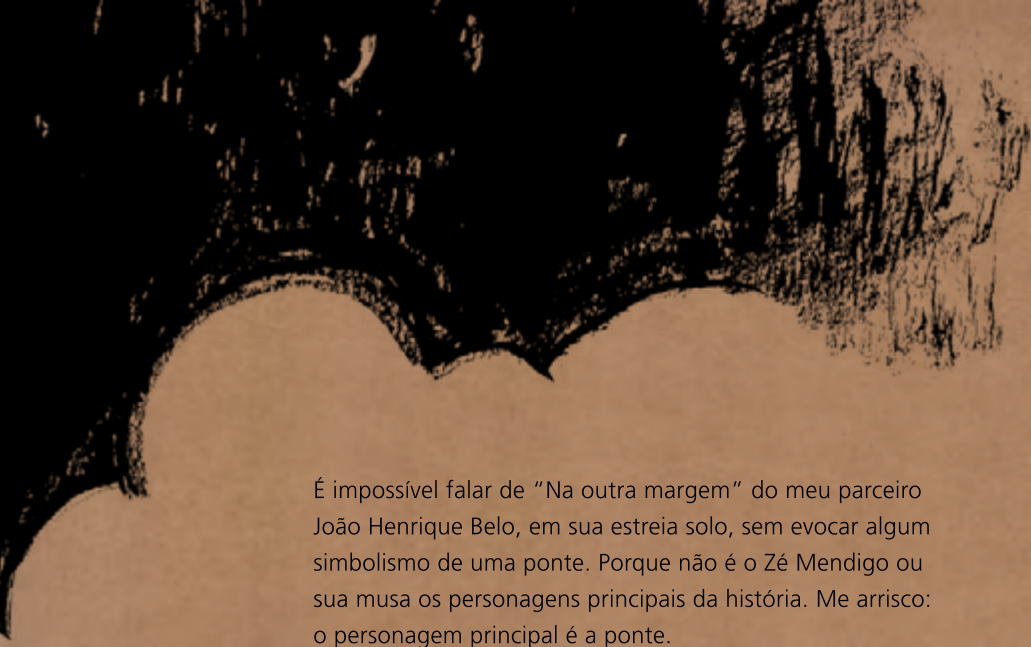
À Pri, minha amiga, minha risada frouxa, meu amor. Sempre disposta a ouvir todo meu chororô / insegurança / dúvidas... nenhum rabisco, letra de forma ou tipo móvel é suficiente pra exprimir minha admiração e gratidão.

Me encontra nas internet!


@johnfeijaum

Bē
be.net/johnfeijaum

t
johnfeijaum.tumblr.com



É impossível falar de “Na outra margem” do meu parceiro João Henrique Belo, em sua estreia solo, sem evocar algum simbolismo de uma ponte. Porque não é o Zé Mendigo ou sua musa os personagens principais da história. Me arrisco: o personagem principal é a ponte.

Cuja força simbólica é tão poderosa que Mario de Sá Carneiro, o poeta português, destituiu-se do eu para definir-se como mero pilar da ponte que o ligava ao Outro. Lenine cantou a ponte em sua música, chamou-a de abraço, de forma – forma de caminhar sobre as águas do momento. Mas foi o rapper GOG quem melhor definiu essa obra da engenharia: ponte, sem dúvida, simboliza união.

Não sei se ciente disso, o João neste pequeno trabalho decidiu ir um pouco além da ponte como lugar e fez dela um advérbio de tempo: sua ponte é quando. Quando as pessoas se encontram, quando se admiram, quando se humanizam, quando se deixam vencer pela cobiça. Tudo acontece quando a ponte entra na história, o que nos faz perceber que, mesmo mal cuidada, a ponte é perfeita. Perfeita porque liga, une, e nisso aposto que ela conseguirá te ligar a esse quadrista bacana do qual você ainda vai ouvir (ou ler) falar, o João. Quando será?

Dessa vez, na ponte, claro!

Lucas “Poderoso Porco” Ed.
www.melhoresdomundo.net

